HOMILIA SOBRE SÃO LUCAS (Lc 12,16-21)

Por Roque Frangiotti

São Basílio não é teórico que pesquisa e discorre sobre a pobreza. Sua atividade ascética, sua inclinação para a vida monástica, não o impediu de se dedicar a socorrer concretamente os pobres. Para ele, a pobreza não é desígnio da Providência como ocasião para o rico ganhar méritos celestes dando esmolas e socorrendo os necessitados. Compreendeu que a pobreza é fruto da injustiça, da ganância, da avareza dos ambiciosos. Conhecia os mecanismos que tornavam ricas as pessoas de sua época: falsificação de documentos de propriedade, que possibilitava aos gananciosos expandir seus latifúndios, invadindo uma propriedade após outra; a avareza, que impedia os afortunados de repartir, de ser magnânimos: a produção agrícola ia parar sempre nas mãos de aproveitadores, que a retinham para vendê-la depois no mercado negro por preço muito mais elevado ou trocá-la pelos filhos dos pobres para fazê-los escravos (cf. n. 4). Sua conclusão é tão lúcida quanto sua análise a respeito dos ricos: "Assim são os ricos. Pois, apoderando-se primeiro do que é de todos, tudo tomam para si". "Qual é o espoliador? Quem tira aquilo que é de cada um',? (cf. n.5.7).

Nascido e educado como aristocrata, tinha todas as possibilidades de enriquecer, como o faziam os de sua classe social, à custa dos pobres. No entanto, movido pela fé cristã, tocado profundamente pelo Evangelho, fez concreta e realmente aquilo que no jargão eclesiástico atual se chama "opção pelos pobres". Não só se pôs a serviço dos pobres, mas distribuiu suas posses e se identificou com eles.

Basílio profere esta Homilia ainda como sacerdote, auxiliar do bispo Eusébio de Cesaréia, a quem sucederá em 370. A ocasião que a provoca é a exasperação de uma situação que vinha se prolongando e que atingiu seu ápice depois de longa estiagem abrangendo toda a Capadócia nos anos 368-369 (cf. Epist. 27; 31). A situação é, de fato, desesperadora: "Gemidos dos povos, lágrimas sem trégua, nas casas e nas praças públicas, de todos aqueles que deploram mutuamente seus sofrimentos. (...) As lamentações reboam nas cidades, nos campos, nos caminhos, no deserto. Não há uma voz capaz de dizer os males lamentáveis que nos esmagam a todos. (...) Nossas festas são mudadas em luto; as casas de oração estão fechadas; desertos os altares onde se celebrava o culto espiritual. Mais nenhuma reunião dos cristãos; nada de escolas para ensinar a doutrina; nenhuma lição salutar, nenhum panegírico, nada de hinos cantados durante a noite; mais nada desta feliz exaltação das almas que as reuniões e a partilha dos carismas espirituais fazem nascer nos que são fiéis ao Senhor" (Epist. 234).

Como se vê, a miséria não atingia somente os camponeses. Obrigados a vender ou a abandonar suas ter- ras, os camponeses se amontoavam nas periferias das cidades. "A população urbana ampliava-se com a multidão de Lázaros -mendigos e leprozos -que, sem empregos e desabrigados, encontravam nas esmolas dos outros a única possibilidade de prolongar o número de seus dias" (P. D. Siepierski, p. 28).

O Estado nada fazia para amenizar a vida destes miseráveis. Ao contrário, numa economia baseada essencialmente na concentração de terras e numa atividade rural que se tripartia no plantio de trigo, na vinicultura
e na criação de rebanhos, só podiam sobreviver os latifundiários. Assim a aristocracia controlava o uso das terras levando os camponeses à servidão. A nova estrutura da taxação das terras, elevando enormemente os impostos, tornava inviável a pequena propriedade. Não corres-se bem o tempo impedindo uma boa colheita ou qualquer outro infortúnio, mesmo assim os camponeses, os colonos, eram obrigados a pagar os impostos. Os ricos usa- vam de sua influência para evitar o pagamento dos impostos e ainda obtinham favores do governo e da exploração das classes inferiores. Ironicamente "num período em que os camponeses foram reduzidos a comer ervas, o trigo era disponível nas cidades, quer nos celeiros do governo, quer nas mãos de particulares. Se a colheita malograsse, o cobrador de impostos e o dono da terra extraíam seus impostos e o camponês via-se obrigado a entregar sua colheita em espécie ou vendê-Ia para obter o dinheiro necessário, mesmo se lhe não restasse nada para alimentar-se e a sua família".(1)

População espoliada, explorada pelos detentores do poder econômico e político, expropriação da terra, jugo pesadíssimo dos impostos, escassez de alimento retido nos celeiros dos ricos são os grandes temas que Basílio desenvolve nesta homilia. Escreveu mais duas homilias contra os ricos que ficaram famosas: Homilia Sobre os tempos de fome (Amós 3,8) e Sobre os ricos (Mt 19,16-26). Esta que aqui apresentamos, Sobre Lucas ou Sobre a Avareza, Lc 12,16-21, é a mais conhecida.

Notas

(1) A. H. M. Jones. The Later Roman Empire, 284-602. A Social and Administrative Survey. 2 Valso Norman: Univ. or Oklahoma Press, 1964, cito por P. D. Siepierski, p. 24.

HOMILIA SOBRE SÃO LUCAS (Lc 12,16-21) - PARTE I

Por São Basílio Magno

Tradução: Roque Frangiotti e Monjas Beneditinas

Fonte: Coleção Patrística, Vol 14, Basílio de Cesaréia. Ed. Paulus.

HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS:
"DESTRUIREI MEUS CELEIROS E CONSTRUIREI MAIORES"
E SOBRE A AVAREZA OU O RICO ESTULTO

PARTE I

1. Dúplice é a espécie da tentação: de um lado, as tribu lações que põem à prova o coração como o ouro no crisol (cf. Sb 3,6) mostram quanto há nelas de bom na prática da paciência; de outro lado, a própria prosperidade da vida, que para a maior parte das pessoas se torna freqüentemente uma prova, dado que é igualmente difícil manter-se seguro o ânimo nas

adversidades e não se deixar dominar pelo orgulho e pela arrogância no meio das dificuldades. Exemplo da primeira espécie de tenta- ção é o grande Jó, campeão imbatível, que suportou os violentos assaltos do demônio, semelhantes ao ímpeto de uma torrente, com ânimo imperturbável e com propósito irremovível; e nas tentações tanto se mostrou superior, quanto maiores e árduas apareciam as lutas que em- preendeu com o adversário.

Das tentações que derivam da prosperidade da vida, temos muitíssimos exemplos: entre outros, aquele rico cuja história acabamos de ler. Este homem, além das riquezas que possuía, desejava ainda outras. A misericórdia de Deus, ao invés de condená-lo imediatamente por sua ingratidão, às riquezas de antes ajuntava sempre novas, querendo com isso convidá-lo a ser liberal e benig- no, uma vez saciado abundantemente. "As terras de um rico -diz, de fato (o Evangelho) -deram uma abundante colheita. E ele refletia consigo mesmo: Que farei? Demolirei meus celeiros e construirei outros maiores" (Lc 12,16-18).

Por que deram tão abundante colheita as terras da- quele homem que, na abundância, não soubera tirar ne- nhum proveito? Para que melhor aparecesse a longanimidade de Deus, a bondade daquele que se estende também a este. Deus, de fato, "faz chover sobre justos e injustos e faz nascer o sol sobre os bons e os maus" (Mt 5,45). Tal bondade de Deus, porém, acumula sobre a cabeça dos maus maiores castigos. Ela faz cair a chuva sobre o cam- po cultivado por mãos avaras e dá o sol que aquece a semente e multiplica abundantemente os frutos.

A generosidade de Deus

Eis quanto provém de Deus: fertilidade do solo, condições atmosféricas propícias, abundância das sementes, a ajuda dos bois e outros elementos que contribuem para o incremento da agricultura.

E da parte do homem? Dureza de coração, misantropia e avareza: é dessa maneira que o homem agradece ao próprio benfeitor. Não se recordou da comunhão de natureza, não pensou que precisava dividir o supérfluo entre os indigentes, não levou em conta o mandamento: "Não negues um benefício ao necessitado" (Pr 3,27). "A caridade e a confiança não te abandonem" (Pr 3,3). "Reparte o pão com o faminto" (Is 58,7). Permaneceu surdo ao grito de todos os profetas e de todos os mestres.

A avareza do homem

Os celeiros, pequenos demais para abrigar tanta abundância, são destruídos, mas o coração avaro não es tava satisfeito. Com o advento de novas riquezas às antigas e com os proventos de cada ano, aumentava a abundância. Estava o homem rico neste dilema, do qual não sabia como desembaraçar-se: não queria desfazer-se dos velhos, por avareza; não podia recolher o novo, por causa da abundância. Por isso, atormentava-se sem chegar a nenhuma conclusão: "Que farei?". Quem não se comoveria por um homem assim atormentado? Consternado pela prosperidade, é um mísero pelos bens que possui; mais mísero ainda pelos que viriam.

Se a terra não lhe produz os proventos, cai em gemidos constantes. Se se acumulam frutos abundantes? Aflições, penas, angústias cruéis! Lamenta-se como um pobre. Não exclama, talvez, da mesma maneira de quem está na indigência? "Que farei? O que comerei? Como me vestirei?".

Assim vai repetindo, em alta voz, o rico. Leva no coração o tormento, a ansiedade o aflige, porque aquilo que a outros torna alegres, consome pela preocupação o avaro. A casa está abarrotada de tudo, porém, ele não se alegra. Pelo contrário, aqueles bens que afluem de todas as partes e que transbordam os celeiros torturam-lhe a alma por temor de que, escapando para fora alguma migalha, os necessitados possam se aproveitar delas.

2. Parece-me que a paixão destes se assemelha à dos glutões, que preferem arrebentar-se pela voracidade antes que deixar alguma sobra aos necessitados.

O homem é administrador dos dons divinos

Reconhece, ó homem, o teu doador. Recorda-te de ti mesmo: quem sou, que coisa administra, de quem recebeste, porque foste preferido entre muitos. És servidor da bondade de Deus, administrador dos teus companheiros de servidão. Não creias que tudo seja destinado a teu ventre. Considera os bens que estão nas tuas mãos como coisa de outros: por breve tempo alegram-te, depois deslizam e desaparecem rapidamente; àeles deverás prestar contas pormenorizadas.

Embora tenhas tudo bem fechado com portas trancadas, amarrado e selado, todavia, as preocupações te impedem o sono. Ruminas dentro de ti, estulto conselheiro de ti mesmo: "Que farei?". Seria, ao invés, ocasião de dizer: saciarei quem tem fome, abrirei meus celeiros e chamarei todos os indigentes. Imitarei o benéfico edito de José: "Quantos não tenham pão, vinde a mim; tome cada um o suficiente do dom concedido por Deus, como de uma fonte comum" (Gn 47,13-26).

Por que não és assim também tu? Tens medo de que outros tirem proveito destes bens e, ruminando na alma sentimentos maus, meditas, não tanto como distribuir a cada um segundo a necessidade, mas como ajuntar ainda mais bens e tirar de todos os proventos para ti.

Já haviam chegado aqueles que lhe pediriam a alma (cf. Lc 12,20) e ele confabulava consigo sobre alimentação; naquela mesma noite o levariam deste mundo (cf. Lc 12,20) e ele fantasiava gozar ainda por muitos anos. Foi-lhe deixado desejar tudo, expressar seu pensamento, para que seu propósito sofresse a sentença que merecia.

Exortação aos ricos

3. Toma cuidado para que não te aconteça o mesmo! Estas coisas foram escritas para que evitemos semelhante destino.

Imita a terra, ó homem, e produz frutos à sua semelhança: não sejas pior que a criatura inanimada. A terra produz frutos não para o proveito próprio, antes para tua sustentação.

Tu, no entanto, qualquer fruto de bondade que produzires, recolherás para teu proveito, dado que o mérito das boas obras se reverte para os doadores. Deste ao faminto? O dom se volta para ti e te é restituído com juros. Como o trigo lançado à terra transforma-se em lucro para aquele que o semeou, assim o pão dado ao fa- minto te renderá, a seu tempo, lucro abundante. Põe fim, pois, ao cultivo dos campos e começa a semear para o céu, porque está escrito: "Semeai para vós sementes de justiça" (Os 10,12).

A generosidade é uma glória para o homem

"Muito melhor um nome bom que grandes riquezas" (Pr 22,1). Se, pois, as riquezas te parecerem uma grande coisa pela honra que delas deriva, reflete quanto é mais vantajosamente honrável ser chamado pai de inumerá- veis filhos do que ter dinheiro na bolsa. Esta a deixarás aqui, quer queiras quer não; ao invés, a honra conquistada com as boas obras a levarás contigo à face do Senhor, quando todo o povo reunido em torno de ti diante do juiz comum te aclamará provedor, benfeitor e te dará todos os títulos da caridade. Não vês aqueles que gastam o dinheiro nos teatros, nos pugilatos, nas cenas burlescas, nas lutas com as feras -gente que ninguém deveria olhar no rosto? -e tu és tão mesquinho em distribuir, enquanto uma glória bem mais elevada te espera? Deus saberá te acolher, os anjos te louvarão, os homens, todos quantos existiram desde a criação, te aclamarão bem-aventurado. Uma glória eterna, uma coroa de justiça, o reino dos céus serão para ti o prêmio pela distribuição destes bens caducos. Não mais te ocuparás com eles: substitui o empenho pelos bens presentes, por aqueles que esperamos. Coragem, pois! Dispõe generosamente das tuas riquezas, sê ambicioso e generoso no dispensar a quem tem necessidade. Que se possa dizer de ti: "É generoso, distribui de boa vontade aos pobres, a sua justiça permanece para sempre" (Sl 111,9). Não vendas a preço muito alto aproveitando da necessidade, não esperes a carestia para abrir os celeiros, porque "o povo maldiz quem retém o trigo" (Pr 11,26). Não socorrer os famintos por causa do ouro, nem a penúria geral para poderes estar na abundância é inadmissível; não te faças desfrutador das desgraças humanas. Não faças da ira de Deus uma ocasião para aumentar tuas riquezas. Não tornes mais dolorosas as chagas de quem foi golpeado pelos flagelos.

Tu, ao invés, fixas os olhos no ouro, mas não olhas em face o irmão. Sabes reconhecer a marca da moeda e distinguir a falsa da verdadeira, porém ignoras completamente o irmão necessitado.

HOMILIA SOBRE SÃO LUCAS (Lc 12,16-21) - PARTE II

Por São Basílio Magno

Tradução: Roque Frangiotti e Monjas Beneditinas

Fonte: Coleção Patrística, Vol 14, Basílio de Cesaréia. Ed. Paulus.

HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS:
"DESTRUIREI MEUS CELEIROS E CONSTRUIREI MAIORES"
E SOBRE A AVAREZA OU O RICO ESTULTO

PARTE II

Sofrimento do pobre

4. A bela cor do ouro te alegra extremamente, mas não pensas quantos e quais gemidos do indigente te acompanham.

Como poderei pôr sob teus olhos os sofrimentos do pobre? Eles, olhando ao redor, vêem que não há ouro nem haverá jamais: os utensílios e as vestes, que costumam ser os bens dos pobres, são todos de valor insignificante. Que fará? Olha para os filhos e decide conduzi-los ao mercado para se livrar da morte. Imagina tu o conflito entre a miséria da fome e o sentimento paterno: a fome ameaça de morte deplorável, a natureza, ao invés, o induz a morrer juntamente com os filhos. Mais vezes se decide, mais vezes desiste: finalmente sucumbe oprimi- do pela necessidade e pela inelutável penúria.
Como raciocina o pai? "Quem venderei primeiro? Qual será preferido pelo mercador? Decidir-me-ei pelo primogênito? Mas sua idade me envergonha. Pelo mais jovem? Tenho muita compaixão pela sua juventude sem experiência das desgraças. Este conserva bem a fisionomia dos pais, aquele a boa inclinação para os estudos. Terrível angústia! Que será de mim? Qual deles irei ofender? De qual fera tomarei o coração? Como esquecerei a natureza? Se conservo a todos, vê-los-ei se consumir por este flagelo. Se não vendo um, com que olhos olharei aqueles que me restaram? Esses, doravante suspeitos, me considerarão traidor. Como habitarei em minha casa, priva- do pela minha culpa dos filhos? Como poderei me sentar a uma mesa posta com tal preço?"

Finalmente ele parte, chorando lágrimas quentes, para vender seu filho mais querido. A dor não te comove e não levas em consideração a sua natureza. A fome mantém prisioneiro o infeliz e tu temporizas e te fazes de surdo, agravando desse modo a dilaceração. Tu não só não sentes paralisar a mão ao aceitar o preço de tal infortúnio, mas ainda regateias sobre o preço; e disputas como, recebendo muito, poderias dar ainda menos, agravando ainda mais a desgraça do infeliz. Suas lágrimas não te comovem, seu gemido não amolece teu coração, ao contrário, permaneces inflexível e implacável. Em tudo e por tudo, só vês ouro: imaginas o ouro; dormindo, sonhas com ouro; desperto, o cobiças. Como quem está atacado pela febre não vê a realidade, mas delira por causa do mal, assim tua alma, possuída pela cobiça das riquezas, vê, em tudo, ouro e prata. A vista do ouro te é mais impor- tante do que a do sol. Fazes voto para que tudo se trans- forme em ouro para que possas obtê-lo.

Insaciável fome de ouro

5. O que não fazes pelo ouro? Para ti o trigo se torna ouro, o vinho se solidifica em ouro, a lã se transforma em ouro; todas as mercadorias, em suma, e todos os projetos te levam ao ouro. O ouro se reproduz por si mesmo, mul- tiplicando-se com os lucros. E não estás jamais saciado e tuas ambições não têm limites.

Estultícia do rico

Por vezes, condescendemos com as crianças gulosas permitindo que se fartem à vontade daquilo que dese- jam, para que a saciedade exagerada lhes provoque a náusea. Nada disso acontece com o avaro; quanto mais- se enche, mais deseja. "Quando vossa riqueza prospera, não ponhais nela vosso coração" (Sl 61,11).

Tu , ao contrário, seguras o que te escapa e fechas com muros as saídas. Bloqueado, estagnado desta maneira, que coisa te fazem? Arrebentará os obstáculos e, porque até agora trancado com violência e a transbordar, arrasará os armazéns, esvaziará os celeiros do rico, como se ali entrasse um inimigo que avança. Não há garantia de que os deixará assim destruídos ao seu herdeiro. De fato, muito mais depressa será ele levado para outro lugar do que construídos aqueles celeiros, conforme seu projeto ambicioso. Ele, portanto, por seus pensamentos iníquos, teve um fim conveniente. Vós, porém, dai-me ouvidos: escancarai todas as portas dos depósitos, com toda a liberalidade permiti que a riqueza saia livremente. Como um grande rio irriga e fecunda a terra por milhares de canais, assim vós dai livre curso às riquezas para que possam chegar à casa dos pobres. Os poços, donde se extrai com freqüência a água, jorram água mais fácil e copiosa; deixados sem uso, as águas se corrompem. Da mesma maneira, a riqueza trancada é inútil e prejudicial, mas a que se movimenta e passa de um a outro é benéfica para todos e frutuosa. Oh! quantos lou- vores receberão daqueles que foram beneficiados! Que tu não o desprezes! Que éopiosa recompensa terás do justo juiz! Dela não duvides tu! De todos os lados vêm a teu encontro exemplos de ricos acusados diante do tribunal. Aqueles que guardam os bens que já possuem e se angus- tiam pelos futuros, sem saberem se estarão vivos no dia de amanhã; o amanhã lhes fará perder o hoje. Ainda não chegara nenhum suplicante, e ele já se antecipa com ferocidade. Não recolhera ainda os frutos, e ele já recebe a condenação pela avareza. A terra prometia seus frutos pondo à mostra a messe luxuriante: nos campos lavrados, anuncia-se abundante o trigo; muitos cachos se mostram nos sarmentos. Carregada de frutos, a oliveira se oferece, junto com todas as espécies de delícias. Inábil e estéril era aquele rico, porque, sem ter ainda alguma coi- sa, já augurava o mal aos necessitados. E, no entanto, quantos perigos antes da colheita! De fato, ora o granizo quebra, ora o calor ardente rouba das mãos, ora a chuva, fora do tempo, precipitando-se, estraga os frutos. Por que então não pedes ao Senhor que leve a termo o seu dom? Mas, apoderando-te dele antecipadamente, tu te tornas- te indigno de receber o prometido.

HOMILIA SOBRE SÃO LUCAS (Lc 12,16-21) - PARTE FINAL

Por São Basílio Magno

Tradução: Roque Frangiotti e Monjas Beneditinas

Fonte: Coleção Patrística, Vol 14, Basílio de Cesaréia. Ed. Paulus.

HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS:
"DESTRUIREI MEUS CELEIROS E CONSTRUIREI MAIORES"
E SOBRE A AVAREZA OU O RICO ESTULTO

PARTE FINAL

Estulta ilusão do rico

6. Tu falas contigo mesmo em segredo, porém, tuas palavras são examinadas no céu; na verdade, de ti mesmo vem a resposta. Que disseste? "Alma minha, tens uma grande reserva de bens: come e bebe e regala-te cada dia" (Lc 12,19). Que estultícia! Se tivesses alma de porco, seria diferente o que te proponho? És assim como um animal, inconsciente dos bens da alma, que só aceita os alimen- tos da carne e dás à tua alma aquilo que será expelido fora? Se uma alma possui a virtude, se está repleta de boas obras e habita junto de Deus, então, sim, tem muitos bens e pode se regozijar com a mais bela alegria. Mas como aprecias as coisas terrenas, tens por Deus o ventre e és todo carnal, escravo das paixões, escuta o nome que te é bem apropriado, não dado por nenhum homem, mas pelo próprio Senhor: "Estúpido, nesta mesma noite, tua alma te será pedida; aquilo que guardaste, para quem irá?" (Lc 12,20). O ridículo da estultícia é muito maior do que o castigo eterno. Quem irá ser arrebatado dentro em pouco, que é que projeta? "Destruirei meus celeiros e construirei outros maiores" (Lc 12,18). Fazes bem, também eu te diria. Pois bem merecem ser destruídos os depósitos da iniqüidade. Destrói com tuas próprias mãos aquilo que construíste para o mal. Desmancha os celeiros de trigo donde jamais alguém saiu levando auxílio. Faze desa- parecer a casa toda inteira, guarda da avareza; arranca os telhados, derruba os muros ao redor, expõe ao solo trigo bolorento, retira da prisão as riquezas agrilhoadas, mostra triunfalmente em público as tenebrosas moradas de Mamon. "Destruirei meus celeiros e construirei maiores." E quando os terás enchido de novo, o que estarás projetando? Provavelmente de novo os destruirás e de novo construirás? Há coisa mais insensata que isto: trabalhar sem fim, construir às pressas e às pressas destruir? Já tens celeiros, se quiseres, as casas dos famintos. Entesourarás para ti um tesouro no céu. Aquele que, guardado lá, as traças não devoram, os ladrões não roubam (cf. Mt 6,20).

Retardar a esmola é culpável e perigoso

"Quando tiver enchido os celeiros, darei uma parte aos pobres."

Previstes uma longa vida. Quem sabe se não virá antes algo de urgente contra tua previsão. De fato, esta tua promessa não é sinal de virtude, antes, de malícia: tu a auguras não para dar, em seguida, mas só para enganar. O que te impede de distribuir agora? Não está presente o necessitado? Acaso não estão repletos os celeiros? Preparada a recompensa? Não é claro o preceito? O faminto desfalece, o nu está gelado; quem reclama é sufocado. E tu adias para o dia seguinte a esmola. Escuta Salomão: "Não digas: 'Vai e volta, amanhã te darei'" (Pr 3,28). Porque "sabes o que te trará o dia de amanhã" (cf. Pr 27,1).

Desprezas tais preceitos, a avareza já te tapou os ouvidos. Quanta gratidão deverias ter para com o Benfeitor, estar radiante de alegria e célebre pela estima de todos, porque não és tu que importunas portas alheias, mas outros que vêm bater às tuas! Agora, no entanto, estás confuso, pouco acessível, esquivando-te dos encontros, não aconteça que algo, mesmo pequeno, obrigue a estender as mãos, sabes uma palavra: "Não tenho nem darei, também sou pobre".

És pobre, realmente; careces de todo o bem. Pobre de bondade, pobre de fé em Deus, pobre da esperança de eternidade. Reparte os víveres com os irmãos, amanhã apodrecerão; dá

hoje aos indigentes. A idéia da avareza é a mais detestável de todas; nem mesmo aquilo que vai corromper-se não quer distribuir com os necessitados.

Participação dos bens privados

7. "O que faço de errado, diz ele, guardando o que é meu?"

Dize-me, de que modo é teu? Donde tiraste, tomando-o para teu sustento? É como alguém que, indo ao teatro, se apoderasse do espetáculo e quisesse excluir os que entrassem depois, pretendendo ser só seu aquilo que é comum a todos os que se apresentam, conforme lhes parece bem. Assim são os ricos. Pois, apoderando-se primeiro do que é de todos, tudo tomam para si por uma falsa idéia. Se cada um tirasse para si o que lhe é necessário.e entregasse ao Indigente o que sobra, ninguém seria rico, ninguém pobre. Não saíste nu do útero e não retornarás nu I para a terra (Já 1,21)? Os bens que possuis, de onde vêm? Se dizes que provêm do acaso, és Ímpio, não reconhecendo o Criador e não dando graças ao doador. Se, ao invés, admites que são de Deus, dize-me por que os recebeste. É talvez injusto Deus, que nos distribui os meios de subsistência de modo desigual? Por que tu és rico e aquele é pobre? Certamente para que tu pudesses receber a recompensa da bondade da fiel administração e aquele pudesse conseguir o magnífico prêmio da paciência. E tu, e quanto procuras abarcar tudo nos insaciáveis ventres da avareza, julgas não fazer injustiça a ninguém, privando tanta gente do necessário? Quem é o avarento? Aquele que não se contenta com aquilo que lhe é suficiente. Quem é o ladrão? Quem tira aquilo que é de outro. Não és avaro? Não és ladrão, tu que fazes tua a propriedade que recebeste para administrar? Quem espolia alguém que está vestido é tido como ladrão; e quem, podendo fazê-lo, não reveste quem está nu merecerá outro nome? O pão : que tu reténs pertence ao faminto, o manto que guardas no armário é de quem está nu; os sapatos que apodrecem : em tua casa pertencem ao descalço; o dinheiro que tens enterrado é do necessitado. Porque tantos são aqueles aos quais fazes injustiças, quantos aqueles que poderias socorrer.

Juízo de Deus

"Belas palavras, dirás, mas o ouro é ainda mais belo!" Como quando se discute sobre a castidade com os liberti-nos. Estes, de fato, despachada a amiga do coração, queimam-se de paixão pela lembrança. De que modo te porei sob os olhos os sofrimentos do pobre, para que te conven- ças com quantos gemidos acumulas riquezas? Como te parecerá justa, no dia do juízo, esta bela frase: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino preparado para vós desde a criação do mundo: porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, estava nu e me vestistes" (Mt 25,34-36).

Quanto terror para ti, quanto suor! Quais trevas te envolverão, se ouvires a condenação: "Afastai-vos de mim, malditos, nas trevas exteriores, preparadas para o diabo e para os seus anjos: porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estive nu e não me vestistes" (Mt 25,41-42.30). Naquele momento não é julgado o ladrão, mas é condenado o egoísta.

Disse tudo quanto julgo útil. Se me deres razão, é evidente que, segundo as promessas, te são reservados tais bens; se, ao contrário, ignora-os, está escrita para ti a condenação, que te

desejo não experimentá-Ia, para que tuas riquezas te sejam preço de resgate e tu estejas segu- ro de alcançar os bens celestes, por graça daquele que nos chamou todos ao seu Reino.

A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos.

Amém.